

DIZER COM IMAGENS E PALAVRAS: UM OLHAR SOBRE A LEITURA DE FIGURINHAS NO WHATSAPP E AS ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO LEITORA PARA A GERAÇÃO DE SENTIDOS

Roberta Shirleyjany de Araújo (UFPI)
robertashirleyjany@gmail.com

Larissa Vitória Oliveira Melo (UFPI)
larissavitoria1337@gmail.com

Maria Angélica Freire de Carvalho (UFPI)
mangelicfreire@gmail.com

RESUMO: A leitura de texto, em tela, tem exigido conhecimentos que vão além das fronteiras do impresso. Entender como os signos são combinados para a geração de sentidos é um dos focos da Semiótica Social que, juntamente, com pressupostos da Linguística Textual sustentam o aporte teórico do presente estudo cujo objetivo consiste em apresentar um olhar sobre a leitura de Figurinhas no *WhatsApp* e as estratégias de compreensão leitora presentes no processo de construção de sentidos delas e o seus contextos de circulação. Para tanto, três grupos existentes na citada rede social formam o espaço de coleta e análise dos dados. Aspectos como a velocidade das interações, a variedade de assuntos, a quantidade de pessoas, a idade, o grau de escolaridade e outros foram levados em consideração para a delimitação dos três perfis como ambientes de pesquisa. De natureza qualitativa e abordagem explicativa e descritiva, a investigação aqui realizada conta com as contribuições de Halliday (1994) acerca das metafunções que o texto desenvolve; Van Leeuwen (2005) com os apontamentos iniciais sobre a Semiótica Social; Kress e Van Leeuwen (2006) com seus pressupostos analíticos na Gramática do Design Visual; Koch (2009) e Marcuschi (2005) quanto à mobilização dos recursos cognitivos necessários para a produção e compreensão de textos. Resultados prévios apontam que a multisssemiose existente nas Figurinhas tem solicitado do leitor movimentos estratégicos, interativos, referenciais e inferenciais diversos para compreensão dos conteúdos informativos expressos de forma verbal e não verbal nas também denominadas *stickers*, dentre outros resultados. O recorte aqui proposto é uma contribuição em andamento acerca do supracitado objeto de análise e um convite à abertura de mais discussões em torno dele.

Palavras-chave: Leitura de Figurinhas no *WhatsApp*. Multisssemioses. Construção de sentidos.

1 INTRODUÇÃO

A abordagem multimodal da semiótica social busca compreender a articulação dos diversos modos semióticos utilizados em contextos sociais concretos, ou seja, nas práticas sociais com o objetivo de se comunicar. E é a partir de tal premissa que o presente artigo traz um olhar sobre a leitura das Figurinhas do WhatsApp e as estratégias de compreensão leitora para a construção de sentidos diante de textos produzidos com imagens ou na aglutinação entre imagens e textos escritos. Textos estes que têm sido produzidos e reproduzidos em larga escala nas situações comunicativas sobre temáticas diversas. Para tanto, o delineamento teórico feito traça um breve percurso sobre as noções de leitura, segundo a Linguística Textual, uma ligeira abordagem sobre a Linguística Sistêmico-Funcional, mais especificamente a Gramática Sistêmico-Funcional proposta por Halliday (1978), com concentração nas metafunções (ideacional, interpessoal e textual) por ele postuladas e que embasam as metafunções (representacional, interacional/interativa e composicional) apresentadas por Kress e Van Leeuwen ([1996]2006), na Gramática do Design Visual que formam o aporte teórico das sessões seguintes.

A problematização levantada repousa na equivocada concepção de que as Figurinhas do WhatsApp representam textos de fácil compreensão ou cuja relevância informativa ainda é vista com certo preconceito. Logo, a questão norteadora instaurada indaga o seguinte: se o sentido do texto não chega pronto para o leitor, já que a leitura é uma atividade sociointeracionista e a língua é de natureza heterogênea e multifacetada, é possível categorizar a compreensão leitora das Figurinhas como algo simplista?

Destarte, o objetivo aqui pretendido consiste em apresentar um olhar sobre a leitura de Figurinhas no WhatsApp e as estratégias de compreensão leitora presentes no processo de construção de sentidos delas e o seus contextos de circulação.

Atenta-se para a importância do conhecimento sobre a combinação de todos os modos semióticos utilizados, ou seja, a organização do que é articulado nas Figurinhas (design); o uso comunicativo do meio e dos recursos materiais, a articulação do texto (produção); e as formas de veiculação (distribuição). Pois toda

produção textual carrega uma multidão de fios ideológicos, sociais, individuais, culturais. Em suma, carregam sentidos.

2 LER NA TELA: A MULTIMODALIDADE DOS TEXTOS

Em pesquisa recente, Moura e Rojo (2019, p. 11) ressaltam que a partir dos anos de 1990, mudanças no texto escrito e impresso, revestindo-se em digital, começaram a ser percebidas devido a transformação e criação de novas mídias, que possibilitaram a junção de todas as linguagens (texto escrito e oral, imagens estáticas e em movimento, vídeos de performances e danças, sons e músicas) em um mesmo “artefato”, termo este com o valor equivalente à ideia de texto, mas agora visto numa perspectiva multissemiótica ou multimodal. Pois, como pontuam os citados autores, “todas as modalidades de linguagens ou semioses os invadem (o texto) e com eles se mesclam sem a menor cerimônia”.

É preciso atentar para o fato dessa pluralidade de linguagens, denominada multimodalidade, não causar impacto apenas nos textos, mas certamente, na multiplicidade linguística e cultural das populações, exigindo novas posturas na educação, como é o caso do trabalho através dos multiletramentos.

E é em torno destes que o objeto de estudo dessa pesquisa começa a ser delineado através das relações referenciais e inferenciais, que possibilitam a construção de sentidos nas interações por meio das Figurinhas¹ na rede social *WhatsApp*².

Vale salientar que as noções de referência, enquanto processo de relações; e inferência como ativação de conhecimentos pessoais, enciclopédicos, textuais, contextuais relacionados, resultando em outros conhecimentos (não necessariamente novos), encontram aporte teórico nos estudos de Marcuschi (2000).

¹ As Figurinhas ou *stickers* ainda não possuem uma definição enquanto recurso multissemiótico usado nas interações na rede social *WhatsApp*. Não há registros de estudos sobre elas até o mês de outubro de 2019. O que é possível notar, a priori, é uma espécie de remodelagem dos tradicionais adesivos (imagens fixas) ainda hoje presentes na parte inicial dos cadernos escolares, por exemplo, agora sendo utilizados em larga escala na citada rede social.

² Será equivalente a rede social e, também, mencionado como aplicativo, no decorrer da pesquisa.

Sob a ótica sociocognitivista de construção de sentido no discurso, Koch (2005) assinala que o texto encontra origem numa multiplicidade de atividades cognitivas que se interligam, resultando “um documento de procedimentos de decisão, seleção e combinação” de aspectos que irão conduzir o processo de construção de sentido acerca daquilo que se lê.

A abordagem semiótica de Kress (2003) sobre a multimodalidade da esfera digital assevera que a diversidade de meios e modos de linguagens evidenciam que a pluralidade de letramentos associada a outras linguagens que formam os enunciados tende a se sobressair, ser mais significativa em comparação a linguagem verbal. Mas é válido salientar que não há uma promoção da imagem em substituição ao texto escrito, mas uma hibridização dessas e outras linguagens no contexto digital.

As transformações ocorridas nas sociedades em virtude das tecnologias digitais, e o quanto essas últimas têm se transformado para o atendimento às demandas sociais é fato inegável e não muito recente. Pois, segundo estudos de Moura e Rojo (2019), no final do século XX, mais precisamente no ano de 1996, um grupo de pesquisadores criou o Grupo de Nova Londres (GNL – New London Group) cuja atenção estava voltada para a linguagem e a educação linguística. Nessa época, eles já verificavam que o impacto das mídias sobre os textos escritos apresentava-se de modo significativo, pois “já não eram mais essencialmente escritos, se compunham de uma pluralidade de linguagens”, então denominada “multimodalidade”³.

Como já pontuava Marcuschi (2010), as situações de uso da linguagem, hoje, não estão somente centradas em ações voltadas para as práticas de leitura e escrita verbal, sempre supervalorizadas pela população. Pois, nota-se que a larga escala de recursos digitais e as inúmeras possibilidades de uso destes em textos multissemióticos tem requerido outras habilidades de leitura às pessoas inseridas nesse contexto multimodal. Como pode ser visto em Coscarelli (2016, p. 16) ao elucidar que “as mídias nas quais esses textos são disponibilizados têm a tela como principal suporte, exigindo conhecimentos que ultrapassam as fronteiras do

³ Apresenta-se aqui com o mesmo campo semântico de multissmioses.

impresso”. Ou seja, o texto verbal e mesmo o não-verbal não se materializa mais em uma folha de papel, página de livros, entre outros.

E mesmo sendo a tela o suporte de circulação dos textos, acredita-se que o trabalho de compreensão continua sendo uma atividade colaborativa entre “leitor-texto-autor ou ouvinte-texto-falante” como é defendida por Marcuschi (2011, p. 90). Pois, a atividade de compreensão não é um resultado de natureza isolada, individual, mas um “exercício de convivência sociocultural”, segundo as ideias do mesmo estudioso. Enquanto Coscarelli (2017), afirma que, para ler *on line*, é preciso desenvolver três habilidades fundamentais, que são: i) localizar e avaliar informações; ii) sintetizar e integrar informações; iii) refletir sobre essas informações

A leitura assume um campo cada vez mais amplo diante dessas multissemoses, porque como ressaltam, Rojo e Barbosa (2015, p. 116) surgiram “novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender”. E, desse modo, as estratégias de leitura, de produção de textos têm sido alteradas e, conseqüentemente, exigido o desenvolvimento de outras habilidades nas pessoas. Por outro lado, Ribeiro (2012, p. 27) ressalta que “as mídias modernas ou tradicionais, se tocam umas nas outras, ou seja, não são indiferentes umas em relação à existência das outras e seus efeitos”. O que permite afirmar que o movimento de influências é bilateral.

Contrário a um pensamento de que tais linguagens estejam reduzindo a língua, enquanto estrutura, e não estruturada em diversos campos como o fonológico, sintático, semântico e cognitivo, Krees pontua:

O crescente uso de imagens não está tornando os textos mais simples, como frequentemente é alegado. Textos multimodais exigem novas formas de leitura: o significado de cada forma presente no texto (multimodal) tem de ser entendido separadamente, e seu significado associado a todos os outros que estão presentes levou a uma única leitura coerente⁴. (KRESS, 2010, p. 6).

Trazendo o objeto de estudo para discussão, nota-se que em pouco tempo de uso no *WhatsApp*, as figurinhas já carregam algumas definições e/ou estereótipos de que configuram apenas uma imagem estática (um emoji), uma imagem mesclada

⁴ Entende-se o coerente aqui como aquele mesmo dito por Marcuschi (2011), o texto possui coerências diversas, mas ao necessitar de evidências, o leitor constrói a sua.

com texto, um texto recortado, que são aparentemente simples ou reducionistas do texto verbal e não requerem processos complexos em sua compreensão. Porém, a multissemiose existente nelas tem invalidado tais assertivas, porque as *stickers*, a depender da sua constituição, têm solicitado do leitor movimentos estratégicos, interativos, referenciais e inferenciais diversos para construção de sentidos.

A relação estabelecida entre linguagem e cognição é estreita, interna e de mútua constitutividade, de modo que conforme Koch (2005, p. 6) “a linguagem é tida como o principal mediador da interação entre as referências do mundo biológico e as referências do mundo sócio-cultural”. E em relação a esse último, a autora ainda pontua “que grande parte dos processos cognitivos acontece na sociedade e não exclusivamente nos indivíduos”.

Aspecto este que coloca a referenciação como uma atividade discursiva, a qual o sujeito, em suas interações, articula o material linguístico que dispõe, por meio de escolhas que resultam em sua proposta de sentido. Por outro lado, é preciso salientar que essa atividade de compreensão sobre os textos produzidos por aquele sujeito é cooperativa, como bem explica Marcuschi (2011, p. 92) ao dizer que “os sentidos são parcialmente produzidos pelo texto e, parcialmente, completados pelo leitor”.

Essa coautoria na construção de sentidos das figurinhas no *WhatsApp* consiste em um dos focos deste estudo, sendo que a dimensão leitora é ampliada, uma vez que a análise será feita em interações entre pessoas presentes em grupos distintos existentes nessa rede social. Assim, a complexidade da atividade de leitura é pontuada tanto pela questão das semioses como também, pela heterogeneidade de sujeitos nas interações. Sujeitos esses que precisam ser capazes de fazer previsões baseadas em condições contextuais, sinalizações presentes nos textos (figurinhas) e em seus conhecimentos prévios, para confirmar ou refutar hipóteses formuladas durante a leitura. (SOLÉ, 1998).

Por falar em contextos e ativação de conhecimentos já existentes, é mister citar as elucidações de Koch acerca destes:

Poder-se-ia, inclusive, postular que o contexto cognitivo engloba todos os demais tipos de contextos, já que tanto o contexto, como a situação comunicativa, imediata ou mediata, bem como as ações comunicativas e interacionais realizadas pelos interlocutores passam a fazer parte do

domínio cognitivo de cada um deles, isto é, têm uma representação em sua memória, como acontece também com o contexto sócio-histórico-cultural. (KOCH, 1996, p. 36).

Entende-se, assim, que a compreensão não consiste em identificar informações, simplesmente. Ela envolve uma construção de sentidos baseada em atividades inferenciais, promotoras de informações semânticas (não necessariamente) novas que acionam conhecimentos de várias procedências, juntamente com formas de raciocínio diversas em sujeitos inseridos em dados contextos. Contudo, Marcuschi (2000, p. 29) ressalva que “nossas inferências não são crenças nem pontos de vistas aleatórios.

Parte-se do pressuposto que processos referenciais e inferenciais ocorrem de forma enlaçada e cooperativa na construção de sentidos e de coerência durante a atividade de leitura e compreensão entre leitor – texto – autor e as relações por eles estabelecidas. O tópico seguinte traz uma breve abordagem acerca da semiótica.

3 DELINEAMENTO SOBRE A SEMIOLOGIA DE SAUSSURE E A SEMIÓTICA DE PEIRCE

Entre a Linguística Moderna entendida por Ferdinand Saussure (2004) como um ramo da Semiologia, e a Semiótica Moderna proposta por Charles Sanders Peirce (2005), há distinções em suas abordagens, mas há a possibilidade de estabelecer elos entre algumas perspectivas apontadas por eles.

Enquanto ciência cujo objeto é a língua, o código verbal, a Linguística delimita o seu olhar para atender aos padrões de ciência existentes à época. Por ter consciência da necessidade de uma área que estudasse a vida dos sinais no seio da vida social, Saussure propõe, assim, a Semiologia. Desse modo, ele mesmo situa a Linguística como uma parte desse todo maior.

Contemporâneo de Saussure, mas desconhecidos entre si, Peirce (2005) funda a ciência geral dos signos, então denominada Semiótica, em que o objeto de investigação está em toda e qualquer forma de significação.

Na esteira da discussão acerca da capacidade e necessidade do homem de construir representações para exteriorizar um pensamento, Santaella (2012, p. 80) pontua que “o homem só conhece o mundo porque, de alguma forma, o representa

e só interpreta essa representação numa outra interpretação”. Assim, para que tal representação ocorra, sinais são utilizados nesse movimento de dar sentido às coisas. Tais sinais são denominados signos.

O signo linguístico (oral ou escrito), na visão saussureana, é sempre a representação de algo do mundo real, ou melhor, “une um conceito a uma imagem acústica”, Saussure (2004, p. 80). Por outro lado, Peirce (2005, p. 46) o entende como “aquilo que sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém”. Portanto, consiste em tudo aquilo que significa (que se atribui sentido), além de ser gerado infinitamente (um signo que gera outro e outro...).

Como dito anteriormente, a linguística moderna saussureana foca suas observações no signo linguístico, no verbal (signo diádico). Entretanto, na semiótica moderna peirceana há a ênfase em todos os tipos de signos (signo triádico). Com isso, ele tenta explicar como significam os signos (inclusive linguísticos) e o papel desempenhado por eles na cognição humana.

E sobre esse olhar alargado do estudioso americano, Santaella (2012, p.85) salienta que “o esforço de Peirce era o de configurar conceitos sígnicos tão gerais que pudessem servir de alicerce a qualquer ciência aplicada”, porque segundo seus pressupostos, toda expressão de conhecimento faz uso de signos, independente de qual seja a área.

Nota-se, contudo, que a linguística e a semiótica peirceana apresentam uma expansão acerca do objeto de estudo que não se restringe à língua, mas estende-se às variadas formas de linguagens.

O signo diádico ou bilateral visto na Linguística apresenta a relação entre significante (imagem acústica), mais especificamente é aquilo que a mente projeta quando está em contato com o significado (conceito), que consiste na expressão material do signo através do som da palavra “caneta”, por exemplo, ou a imagem da palavra escrita em algum lugar. Destarte, válido é retomar as considerações existentes no Curso de Linguística Geral (Saussure, 2004, p. 80), sobre a imagem acústica:

(...) não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação que ele nos dá o testemunho de nossos sentidos. (...) o caráter psíquico e nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria

linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema.

Assim, a natureza mentalista, bilateral e que não estabelece ligação entre o objeto e a palavra, numa perspectiva interacional, apontada pelo estruturalismo de base saussureana, não encontra sintonia com as teorias semióticas que discorrem sobre as semioses. Processo este de construção de sentidos, ou melhor, do movimento cognitivo de interação entre o indivíduo e o mundo.

Peirce (2005) postula que toda ideia é um signo. E com vistas a melhor explicá-lo, cria três categorias de análise, sendo elas: a primeiridade (ato de percepção do signo); a secundidade (geração de significado mental, atribuição de sentido ao signo); e a terceiridade (interpretação, ativação dos conhecimentos de mundo, ocorre entre as duas categorias já citadas).

Simplificando, segundo Santaella (2012, p. 79), os três estágios de análise dos fenômenos supracitados ocorrem da seguinte forma:

O azul, simples e positivo azul, é um primeiro. O céu, como lugar e tempo, aqui e agora, onde se encontra o azul, é um segundo. A síntese intelectual, elaboração cognitiva – o azul no céu, ou o azul do céu – é um terceiro.

Ainda sobre a classificação terceira, salienta-se que Peirce assim a nomeia por obedecer apenas à cronologia de formulação de suas categorias, e não a ordem do processo de significação que ocorre na semiose. Na terceiridade ocorre o que ele denomina de interpretante, que é a ideia que surge a partir do signo e o objeto que ele representa, sendo que Santaella (2012) ressalta que diversos signos podem referenciar um mesmo objeto a depender do suporte, canal, meio onde está materializado.

Dentre tantas particularidades aprontadas sobre o signo da Linguística e o signo da Semiótica, há um ponto de convergência constatado naquilo que diz respeito à sua natureza arbitrária, quando Peirce (2005, p. 53) afirma que “um Símbolo é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o Símbolo seja interpretado como se referindo aquele Objeto”. Então, se símbolos forem entendidos como palavras que, por convenções sociais coletivas

representam algo em geral, assim como Santaella (2012) os compreende, não há como desconsiderar a existência da arbitrariedade do signo linguístico e/ou semiótico.

Importante é que após a virada pragmática e todos os estudos sobre as linguagens existentes, o signo não é mais compreendido e limitado ao verbal, ao código linguístico. Ele percorre, também, os cinco sentidos humanos na construção de significação sobre o que existe e é analisável pelo homem.

E numa visão da língua em uso, ou melhor, os efeitos de sentidos produzidos pelas Figurinhas, nas interações comunicativas, o tópico seguinte trata das metafunções segundo a visão de Halliday (1978) e da Gramática do Design Visual ([1996] 2006).

4 METAFUNÇÕES: DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL À GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

Inaugurada pelos estudos de Halliday (décadas de 1960 e 1970), a Linguística Sistêmico-Funcional, doravante (LSF), propõe a abordagem acerca da linguagem numa perspectiva de sistema cuja função é produzir significados, resultantes de escolhas lexicais realizadas por sujeitos inseridos em contextos sociais específicos e diversos.

Outrossim, Halliday e Matthiessen (2004) entendem a linguagem enquanto atividade social que se origina da sociedade e dos usos da linguagem, acarretando em situações interativas. Destarte, a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) situa a língua e o seu uso em contextos sociais. Aspecto este que permite um alargamento do olhar diante da análise de textos, para além da sentença, da materialidade linguística apresentada.

Defensor da ideia de multifuncionalidade de todo o uso da língua, Halliday (1978) postula que, nas práticas comunicativas, a linguagem desempenha três papéis concomitantemente, a ser saber: produzir significados ideacionais, interpessoais e textuais. A estas, o autor denominou Metafunções.

Em termos práticos, a metafunção ideacional representa o mundo das experiências do indivíduo; a metafunção interpessoal corresponde às relações

sociais acordadas entre os interactantes e as suas atitudes expressas na linguagem; e a metafunção textual envolve a organização informativa do texto, a sua relevância para o contexto. Contudo, a ocorrência destas está atrelada às necessidades de quem interage com o outro em dado tempo, espaço, com propósitos comunicativos determinados que, conseqüentemente, produzem sentidos na interação.

E mantendo um diálogo com as metafunções concebidas por Halliday (1978), algumas décadas depois, Kress e Van Leeuwen ([1996] 2006), embasados nos pressupostos da GSF, apresentam uma ressignificação das metafunções, então classificadas em: representacional (campo ideacional), interacional (referência ao interpessoal) e composicional (relação textual). A proposta de utilização destas na leitura do visual acarretou no lançamento da Gramática do Design Visual (GDV), após o desafio de desmistificação da ideia de supremacia do verbal (escrita) em relação ao visual, posto que são aspectos que atuam de forma colaborativa na produção de sentidos.

Os inventários de análise propostos pela GDV possibilitam o trabalho sobre os modalizadores verbais na leitura de imagens. Assim, aspectos como enquadramento, cor, luminosidade e perspectiva, por exemplo, permitem orientações acerca das escolhas feitas pelas pessoas ao produzirem um texto imagético e os sentidos pretendidos segundo as ideologias, aspectos individuais e sociais que permeiam os textos.

Para maiores elucidações, a metafunção representacional compreende as relações entre os participantes; a metafunção interacional/interativa diz respeito às relações entre texto visual e leitor; e a metafunção composicional aborda as relações entre os elementos da imagem.

A pesquisa desenvolvida aqui contempla a metafunção interativa na análise da leitura das Figurinhas do *WhatsApp* e a construção de sentidos com base nas quatro dimensões postuladas por Kress e Van Leeuwen ([1996] 2006) para a metafunção supracitada. São elas: 1. Olhar/contato - entende o vetor formado pelo olhar dos participantes como instrumento de interação com o leitor, exigindo algo (olhar de demanda) ou oferecendo algo (olhar de oferta); 2. Enquadramento/distância social - considera a aproximação ou distanciamento do participante em relação ao leitor pelo enquadramento da imagem (plano aberto, médio e fechado); 3.

Perspectiva frontal/objetiva - apresenta tudo que é para ser visto, passando a ideia de franqueza, sinceridade, gera empatia e aproximação). Perspectiva oblíqua e subjetiva – não revela a imagem por completo, há um recorte específico, o que acaba produzindo menor empatia e maior distanciamento e subjetividade; 4. Modalidade – faz referência à aproximação ou distanciamento do real e a quantidade e qualidade de informações para o leitor, podendo ser naturalística, abstrata, tecnológica e sensorial. Para categorização da modalidade alta ou baixa, critérios como representação, contextualização, saturação das cores, profundidade, iluminação e brilho são levados em consideração. Além disso, os aspectos internos às Figurinhas (ideologia, humor, posicionamento) e os aspectos externos (cultura, contexto, idade, inferências do leitor) são pontuados na análise dos dados.

Há que se ressaltar os participantes representados (PRs) como elementos, também, apontados nas análises, sendo eles apresentados por meio de pessoas, animais e objetos (personificados) presentes na imagem.

Porquanto, a metafunção interacional enfoca as reações fisionômicas e os olhares dos PRs, uns para com os outros, e também destes para os PIs (autores do texto e leitor), projetando as relações entre todos os participantes, sejam eles os representantes, sejam os interativos, respectivamente, dentro e fora do contexto da “paisagem semiótica”.

5 FIGURINHAS DO WHATSAPP: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa aqui traçada é de natureza qualitativa, que segundo Bortoni-Ricardo (2008, p.34) “procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”. Com abordagem explicativa e descritiva, o presente estudo compreende a análise de seis Figurinhas do WhatsApp, escolhidas de forma aleatória no universo de vinte e quatro amostras de *stickers* coletadas em três grupos distintos da mencionada rede social, por meio do foco de análise voltado para a metafunção interativa desenvolvida por Kress e Van Leeuwen para a leitura do visual.

Além das categorias citadas na sessão anterior para a análise dos dados, aspectos como: faixa etária, finalidade do grupo, escolaridade, entre outros, foram considerados, na escolha dos grupos pesquisados;

Inicialmente, o *Whats up*, hoje conhecido por *WhatsApp*, tinha como finalidade única o envio e troca de mensagens instantâneas entre os contatos da agenda telefônica de seus usuários, de forma ilimitada, ou seja, sem o limite de caracteres estipulado pelas SMS (mensagens de texto) vinculadas às empresas de telefonia móvel.

Porém, em observância ao dinamismo das comunicações na esfera digital, o aplicativo tem sofrido aprimoramentos por meio das conhecidas atualizações. Passados dez anos de uso e ascensão, o *WhatsApp* tem possibilitado a circulação de multissemioses e, dentre estas há as Figurinhas, lançadas na versão 2.18.329 (para sistema Android) e 2.18.100 (para sistema IOS), utilizadas em expansão, especificamente no Brasil, a partir do primeiro semestre de 2019.

Trazendo o objeto de estudo para discussão, nota-se que em pouco tempo de uso no *WhatsApp*, as figurinhas já carregam algumas definições e/ou estereótipos de que configuram apenas uma imagem estática (um emoji), uma imagem animada (releitura de *gifs*), uma imagem mesclada com texto, um texto recortado, que são aparentemente simples ou reducionistas do texto verbal e não requerem processos complexos em sua compreensão. Porém, a multissemiose existente nelas tem invalidado tais assertivas, porque as *stickers*, a depender da sua constituição, têm solicitado do leitor movimentos estratégicos, interativos, referenciais e inferenciais diversos para construção de sentidos.

A primeira Figurinha analisada tem como PR um objeto cujo vetor é apontado de forma unidirecional, apresentando aquilo que é categorizado como olhar de contato, ou seja, a imagem é posta para contemplação do leitor num enquadramento de plano aberto, com perspectiva frontal/objetiva, que visa a aproximação/empatia do leitor, enquanto a modalidade utilizada é a naturalística, suscitando uma proximidade com o real.

O texto é composto por imagem (filtro de água) e texto escrito disposto na área superior e inferior do enquadramento.

Nota-se que a ativação de conhecimentos prévios e aspectos culturais e sociais é necessária para a construção de sentidos do texto. Por exemplo, a imagem do objeto apresentado e que serve de ênfase para o verbo “filtrar”, pode não ter relevância para leitores que desconhecem a função do citado objeto. Portanto, se uma das finalidades do designer da Figurinha era promover o humor, este não é assegurado para todos os leitores, por exemplo.



- PR - Objeto;
- Vetor unidirecional;
- Olhar de contato - contemplação;
- Enquadramento: plano aberto - conhecimento do todo;
- Perspectiva - frontal/objetiva: aproximação, empatia;
- Modalidade: naturalística/ proximidade com o real.

Sobre a Figurinha de número 02, o PR é uma pessoa cuja imagem tem uma aproximação com o real mesmo havendo uma distorção do foco e alteração da imagem, evidenciando uma intenção de destaque para o rosto (boca) e suposto “movimento” das mãos, já que a imagem é aparentemente estática. Aparente porque as alterações realizadas no visual sugerem a ativação de algo de sensorial nele.

Diferentemente da Figurinha 01, o olhar percebido aqui é o de demanda, ou seja, que exige alguma reação/resposta do leitor, enquanto o vetor permanece de natureza unidirecional. Há a impressão de estresse, de tensão, de irritação, inicialmente. Mas, como o contexto é de suma importância para o significado, a depender da situação, a Figurinha abaixo pode expressar euforia diante de algum acontecimento significativo. Logo, assim como em textos verbais (escritos) os sentidos são construídos a partir das escolhas e acordos sociais de uso do código linguístico, com o texto imagético o não é diferente.



Figurinha 02

- PR - Pessoa;
- Vetor unidirecional;
- Olhar de demanda - PR olha diretamente para o leitor e exige alguma reação;
- Enquadramento: plano médio - certa confiança;
- Perspectiva - frontal/objetiva: aproximação, empatia;
- Modalidade: aproximação do real, de natureza sensorial - as sensações de prazer desprazer causadas; aproximação com o real.

Em se tratando da Figurinha 03, o PR é colocado como animal personificado e se assemelha à Figurinha 01 acerca das dimensões de enquadramento e olhar de contato. A perspectiva é explorada de modo lateral, promovendo certo distanciamento do leitor.

A modalidade aproxima-se mais da abstrata por não ser um a imagem do animal sapo (real), mas criada segundo características que remetem a uma similaridade com elementos constitutivos do citado anfíbio.

A classificação tende para o sensorial pelas sensações que o texto imagético consegue despertar no leitor, como: reflexão, quietude, tristeza, desânimo, dentre outras.



Figurinha 03

- PR - Animal personificado;
- Vetor unidirecional;
- Olhar de contato - coloca-se para observação do leitor;
- Enquadramento: plano aberto - visão ampliada;
- Perspectiva - lateral/ um ângulo em específico; distanciamento do leitor;
- Modalidade: natureza abstrata e sensorial - As sensações de prazer e desprazer causadas;

aproximação com o real.

A Figurinha 04 traz o desfoque da imagem ou mesmo duplicação dela, que causam efeitos visuais diversos, porquanto os sentidos alcançados apontam para um texto visual que pretende a ideia de confusão, perturbação, impacto, susto, dentre outros.

Salienta-se, que um aspecto recorrente sobre as imagens que têm efeitos em sua apresentação é a tendência que estas possuem para a modalidade sensorial, envolvendo a visão, a audição e o tato, por exemplo, e de modo simultâneo quando feita a leitura do conteúdo da mensagem.



Figurinha 04

- PR - Animal personificado;
- Vetor unidirecional;
- Olhar de demanda;
- Enquadramento - plano médio - certa confiança;
- Perspectiva - frontal/objetiva;
- Modalidade - abstrata e sensorial.

Sobre a Figurinha 05 é possível pontuar a ênfase no conteúdo do informativo, assim como é visto na Figurinha 01, pois há a relação significante / significado entre o visual e o texto escrito. Porém, por se tratar de um objeto cuja semântica pode ser desconhecida pelo leitor, a ligação entre os textos não será estabelecida, assim como o humor, supostamente pretendido, pode não ser recuperado. Contudo, os aspectos internos e externos à Figurinha requerem diálogo para a construção dos sentidos existente no texto.



Figurinha 05

- PR – objeto;
- Vetor unidirecional;
- Olhar de contato - coloca-se para observação do leitor;
- Enquadramento - plano aberto;
- Perspectiva - frontal/objetiva;
- Modalidade - naturalística.

A sexta e última Figurinha analisada traz dimensões já verificadas nas anteriores, mas é importante salientar que se a atenção é voltada para o texto escrito, é possível notar um jogo semântico entre sentido real e figurado presente no termo “ponto”. E acrescenta-se a isso a importância da leitura do visual presente na mensagem, pois as expressões evidenciadas pelo PR despertam a ideia de indiferença, irritação, ironia, entre outros.



Figurinha 06

- PR – Pessoa;
- Vetor unidirecional;
- Olhar de contato – coloca-se para observação do leitor;
- Enquadramento – plano médio;
- Perspectiva – lateral/ ângulo específico;
- Modalidade – naturalística.

O tópico a seguir aborda os resultados obtidos ao longo da pesquisa e algumas considerações levantadas sobre a proposta aqui apresentada.

6 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, destaca-se que o esquema composicional das Figurinhas não segue a ordenação, disposição das imagens existentes nos inventários da GDV. A exemplo da orientação de leitura do texto visual (da esquerda para a direita), pois as laterais do enquadramento das *stickers* não são exploradas, uma vez que o espaço de disposição do conteúdo é reduzido.

A perspectiva frontal objetiva é bem marcada nas Figurinhas analisadas. Tal aspecto pode estar ligado ao propósito de gerar empatia no leitor. Outra recorrência verificada encontra-se no uso do vetor unidirecional.

Observou-se certo equilíbrio nas ocorrências do uso olhar de demanda e de contato. Já sobre o enquadramento, houve a escolha dos três planos: fechado, médio e aberto. Por outro lado, constatou-se repetição significativa das modalidades abstrata (simbólica) e sensorial (enfoque no prazer e desprazer proporcionados pela imagem). A única não encontrada nas amostras foi a modalidade tecnológica.

Válido ressaltar que fatores como a cultura, o contexto, a idade, e o grau de escolaridade, os conhecimentos de mundo, conhecimentos linguísticos, dentre outros, foram vistos como aspectos pontuais para o estabelecimento das inferências (dos autores e leitores) para a construção dos sentidos possíveis nas Figurinhas.

A proposta aqui realizada não é trazer prescrições acerca da leitura de textos verbais e imagéticos, mas o alargamento das possibilidades de realizá-la através dos inventários presentes na GDV, dada a natureza multimodal dos textos produzidos diariamente.

Ler Figurinhas no WhatsApp compreende a mesma "atividade colaborativa" dita por Marcuschi (2011), quando na leitura de textos verbais. Assim, compreender é o que ele caracteriza como "exercício de convivência sociocultural".

Contudo, as considerações apontadas ao longo desse estudo configuram um recorte acerca da leitura de Figurinhas do WhatsApp. O trabalho não se encerra aqui, porque ainda há muito a ser investigado para que haja compreensão sobre as interações comunicativas a partir da leitura de imagens e os sentidos construídos.

REFERÊNCIAS

COSCARELLI, C. V. **A leitura em múltiplas fontes**: um processo investigativo. Ensino e Tecnologia em Revista, Londrina, v.1, n.1, p. 67-79, jan/jun, 2017.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as Social Semiotic**: the social interpretation of language and meaning. Baltimore, MD: University Park Press, 1978.

_____. **An introduction to Functional Grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

_____.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to Functional Grammar**. 3rd edition, London: Hodder Arnold, 2004.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London: Routledge, 2006 [1996].

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção do sentido**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **A construção dos sentidos no discurso**: uma abordagem sociocognitiva. Revista Investigações. V.18, n.2. UFPE, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual**: análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **A compreensão textual como processo criativo**. In: UNIVESP. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral, v.11, p. 89-103. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MOURA, E.; ROJO, R. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

RIBEIRO, A. E. F. **Ler na tela** – novos suportes para velhas tecnologias. Tese (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012.

ROJO, R.; BARBOSA, Jacqueline M. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.